

EXPERIÊNCIA 3

Entrevista com Iyalorixá

Mara Vidal

Iya. Assim é chamada Sandra Medeiros Epega pelos 48 filhos e 69 filhas de orixá, do *Ile Leuivyato*, comunidade de origem matriarcal que cultua a Tradição *Yoruba* do Culto aos Orixá, na cidade de Guararema, à 75 km de São Paulo.

Iniciada no culto para o orixá *Xangô*, deus do fogo e do trovão, há 28 anos, a *Iyalorixá* Sandra, mãe-de-orixá, é casada, tem duas filhas, um filho e um neto.

Adora estar rodeada pelos 117 filhos (incluindo os que ela gerou), e como matriarca que é na tradição, está sempre tirando das lendas, sobre os orixá, uma indicação para resolução dos diferentes conflitos vividos pela sua grande família no cotidiano.

O aborto é um tema que não está distante da sua vivência, tendo, ela mesma, passado por esta situação. As opiniões que transmite a suas filhas não vêm dos orixá, nem de uma ética instaurada na religião. Vêm da experiência de ouvir dezenas de mulheres, filhas ou não do orixá, desesperadas, com problemas e que não poderiam conceber uma criança.

O posicionamento radical, o julgamento incriminador e ameaçador, a invocação do castigo em

nada contribui às mulheres. Para *Iya* Sandra, o que lhe compete é o amparo religioso, é dar esperança, apontar melhora de vida para elas, pois a agressão, a violência que uma mulher sofre no corpo com o aborto, pode trazer-lhe traumas sociais e psicológicos.

Na opinião da *Iyalorixá*, a religião deve estar presente não para discriminar ou sacrificar, mas para apoiar.

II

Mandrágora: "Que opinião a senhora tem sobre o aborto?"

Iya Sandra: "Religião e preconceitos a parte, o aborto é uma opção pessoal. A mulher tem que saber dirigir seus caminhos. É lógico. E eu sou partidária de uma gravidez programada, seja esta maternidade acompanhada de uma paternidade consciente ou não, socialmente aceita ou não. Mas é uma opção pessoal. Eventualmente, até uma mulher casada, amigada, muito bem aceita no contexto familiar de pai e mãe pode estar grávida e não aceitar ter o filho.

Tirar da cabeça o ponto de vista carma, remorso, coisa errada é também um compromisso com a vida, porque estar em uma religião que só reprime... é melhor abandoná-la.

Para que a criança nasça, a mulher tem que estar em sintonia perfeita consigo mesma, com a criança, com o ambiente que a rodeia e com Deus. Se tudo isso não estiver em sintonia, essa criança não vem bem ao mundo. Essa mãe será uma infeliz, traumatizada. Enfim, uma mãe problemática e é claro que vai gerar uma criança problemática. Nestes casos, é melhor que a mulher se recicle, se programe de novo. Então, essa criança poderá vir em outra ocasião, num outro contexto, de uma forma desejada."

Mandrágora: "Na tradição, como as situações de aborto são tratadas?"

Iya Sandra: "Na Tradição de Orixá a descendência é a coisa mais importante que existe. Linhagem, origem, de onde viemos é importantíssimo. Descendência - é quem deixamos para zelar pelo nosso *emi* - força vital - que fica aqui na terra, quando nós passamos para o *orun* - outro lado. Haja visto que um casal que não tem filhos, ou o marido vai procurar outra mulher, ou a mulher vai procurar um homem da família do marido para que se traga filhos à casa, isto ao nível de África primitiva. No Brasil, no Ocidente,

vários tratamentos são feitos.

A descendência para nós, da Tradição Yoruba é importante. Há lendas, cultos, oriki - orações que demonstram isso. Mas ela tem que ser aceita por nós mesmos, não adianta ser uma descendência imposta.

A religião crê firmemente que os filhos nos são dados por *Oxum*, que é uma bênção, um acontecimento a ser festejado. Para nós, não importa se essa criança tem pai, se essa mãe é socialmente casada, o que importa é que há toda uma família para zelar e criar a criança. No casamento *Igbeyawo* existe o dote. Este é pago em maior quantidade quando a mulher já traz um filho ou está grávida: ela já provou fecundidade, portanto ela é mais importante. A frase símbolo de nossa casa é "*Iya ni wura, Baba ni digi*" - mãe é ouro, pai é vidro. Então, dentro da religião, é ofender à *Oxum* se você resolve não querer um filho que ela lhe manda."

Mandrágora: "Hoje, quando uma filha, por inúmeras razões, decide não ter a criança e opta pelo aborto, que postura é adotada?"

Iya Sandra: "Explico duas coisas a ela. Que há obrigações religiosas com *Oxum* que deu a criança a ela, e com o *ori* desta criança que, no momento da concepção, foi escolhido. Então, ela tem duas substâncias sagradas com as quais lidar. Mas ela tem algo

muito mais importante que é o próprio *ori*, a individualidade e o sentimento dela. Com todos estes elementos, ela tem que pensar, raciocinar se realmente não pode ter este filho. Nós vamos conversar, verificar todas as opções possíveis para que essa criança nasça, e, se realmente não há condição física ou material ou psicológica de haver o nascimento, consultaremos *Orunmila* e pediremos que nos traga a resposta de *Oxum*.

Religião deve ser alegria, plenitude pois é para nos equilibrar e não aniquilar.

Oxum é mãe e mulher. Vai ouvi-la. Vamos pedir à orixá que não negue fecundidade à mulher, caso deseje ter um filho em outra ocasião. Depois vamos ver a situação da criança, se ela não está relacionada a uma série de problemas que trabalhamos na religião, como os do *egbe abiku*, crianças que são geradas para morrer.

Visto tudo isso, ela vai se recolher após uma cerimônia a *Oxum*, terá uma conversa com a criança que está no ventre dela, vai explicar que hoje ela não tem condições de dar à luz, que não há condições satisfatórias para a criança viver. A minha contribuição é dada uma vez e de maneira a orientar essa mulher a manipular sua sexualidade, para que isso não ocorra mais, a fim de que isso não se torne um hábito, uma atitude prejudicial ao corpo dela e à religião."



off our backs - EEUU.